



meu  
Príncipe  
Feroz

CONFRARIA DOS CANALHAS • LIVRO 2

SCARLETT SCOTT



meu  
*P*ríncipe  
Feroz

SCARLETT SCOTT

TRADUÇÃO DE SANDRA MARTHA DOLINSKY

meu  
Príncipe  
Feroz

CONFRARIA DOS CANALHAS ♦ LIVRO 2



## CAPÍTULO 1

*Pela fresta da* porta entreaberta, Theo viu dedos de pés.

Não cobertos por meias ou pantufas, mas nus, iluminados pelo brilho evanescente da luz da tarde e por um par de velas. Contra sua vontade, essa falta de decoro o intrigou. Ele se aproximou mais um passo, em silêncio, e foi recompensado pela visão de tornozelos elegantes e bem torneados, cruzados por baixo da bainha de um vestido rosa e branco, fazendo-o recordar que ele era um homem pela primeira vez em...

Em muito tempo.

Ele deveria se virar e deixar aqueles lindos tornozelos e pés em paz. A Hunt House era ampla, e ele passara as últimas horas se familiarizando com cada canto, de cima a baixo. Mesmo assim, ainda tinha cômodos a inspecionar.

Porém, em vez de sair, Theo ficou rodeando a soleira do salão do duque de Ridgely, como se suas botas estivessem grudadas no tapete Axminster sob seus pés. Em outras circunstâncias, poderia ter jurado que havia imaginado aquela visão inesperada. Mas a ouviu falando sozinha, murmurando algo ininteligível, e soube que ela era real.

Quem era ela?

Quem se atreveria a passear descalça por ali, ocupar o divã do duque, acender suas velas? Ela não usava o traje convencional de uma criada. Havia apenas duas outras mulheres na residência, além das domésticas. Uma era a pupila do duque, e a outra, sua irmã. Não eram mulheres que Theo deveria ficar admirando. Ele estava sendo pago, e muito bem, para proteger a casa do duque em Londres, não para flertar com suas mulheres.

Theo pigarreou, anunciando sua presença.

Um suspiro feminino ecoou e os pés e tornozelos desapareceram.

Que pena...

Ele preferia continuar os apreciando.

— Quem está aí? — perguntou a dona dos tornozelos e pés.

A elocução incisiva, nítida e perfeita, apesar de um toque de ansiedade, era agradável como uma carícia calorosa. Ele passara em Londres a maior parte dos anos, desde seu exílio, e já admirava a língua inglesa com todos os seus sotaques peculiares, tão diferentes de seu idioma nativo. Porém, havia algo naquela voz, naquela estranha mistura de formalidade e rouquidão, que o impressionou. Soava como um banho quente depois de um dia inteiro cavalgando.

— Um dos guardas, milady — respondeu ele com frieza, reprimindo a reação indesejada.

Theo apoiou a palma da mão na porta e a empurrou, permitindo-se dar um passo além da soleira. Estava acostumado com as regras da alta sociedade de Londres; era impróprio para um homem ficar sozinho com uma dama a quem não houvesse sido apresentado. Mas, no momento, ele não dava a mínima para as convenções. Estava sempre atento ao motivo de sua presença na Hunt House.

Um assassino tentara matar o duque enquanto ele dormia, nas primeiras horas da manhã.

Contudo, no instante em que a viu por inteiro, sua mente ficou vazia como um céu noturno sem estrelas. Ele esqueceu a razão pela qual estava ali — inferno, esqueceu até mesmo seu nome. Pois ela era indescritivelmente adorável.

De pé ao lado do divã que havia ocupado até momentos antes, ela segurava diante de si uma pasta de couro, como se fosse um escudo. Era dotada de uma beleza clássica que lembrava as antigas deusas retratadas nas esculturas de mármore da terra natal dele. O cabelo dourado dela era brilhante, da mesma cor dos campos de trigo ondulantes que ele se recordava da juventude na Boritânia.

— Um guarda? — repetiu a dama, de olhos arregalados e tom cauteloso, olhando ao redor.

Com certa diversão, o guarda se perguntou se ela estaria procurando um objeto que pudesse ser usado como arma contra ele. Algum castiçal com que o acertar.

— Um dos guardas contratados por Vossa Senhoria — acrescentou ele, pois não sabia quanto o duque havia revelado às mulheres sobre o perigo que o cercava.

A julgar pela confusão dela, ele nada disse da necessidade de contratar proteção.

Theo ofereceu uma reverência tardia da maneira mais elegante que pôde, visto que portava uma pequena pistola, duas facas e correntes. Lembretes de que aquela não era uma visita social; seus dias de cortesão haviam ficado para trás fazia muito tempo. Agora, ele era um mercenário, feliz por viver livre do peso esmagador do dever e da obrigação.

Dono de si mesmo; sem as restrições do passado, se não na mente, pelo menos no corpo.

— Por que Ridgely teria contratado guardas? — perguntou ela. — Tem algo a ver com o intruso que caiu da escada ontem à noite? E por que não fui informada? Não me falaram de tal alteração na rotina da casa, e sou irmã de Vossa Senhoria.

Ah, ali estava a resposta acerca da identidade daquela deusa misteriosa. Não era a pupila do duque, então, e sim a marquesa viúva, Lady Deering.

— Pelo que me consta, é por precaução — replicou Theo. — Quanto ao resto, não saberia lhe dizer, milady.

Ela estreitou os olhos para o guarda, que sentiu a intensidade daquele olhar em seu âmago. Eram azuis, percebeu. O azul profundo e escuro do mar iluminado pela lua.

— Qual é seu nome, senhor? — perguntou ela.

Ele permaneceu como estava, sério e sisudo.

— Costumam me chamar de Fera.

Era um nome que ele conquistara, ao contrário de Theodoric Augustus St. George, sua odiada denominação de nascença.

— Fera — repetiu ela, em um tom impregnado de descrença.

Ele inclinou a cabeça.

— Sim, milady. Fera.

— Não entendo onde Ridgely estava com a cabeça ao convidar um canalha assim à Hunt House.

Sua voz denotava o frio do mais rigoroso inverno. Mas ela não estava equivocada. Ele *era* um canalha.

— Não caberia a mim adivinhar os pensamentos de Vossa Senhoria — disse ele com simplicidade e humildade, ciente do homem que era agora.

A arrogância de Lady Deering o fez desejar, por um breve e fugaz momento, poder lhe dizer quem ele realmente era. Ou melhor, quem havia sido, em um passado tão distante que parecia outra vida. Mas então se lembrou de todos os motivos pelos quais havia deixado aquele mundo para trás, dos perigos que estavam sempre à espreita, e o impulso logo desapareceu.

— Por que está vagando por aí e entrando nos aposentos sem ser anunciado? — Lady Deering exigiu saber.

As suspeitas dela quase o divertiam. Mas a leviandade nunca apeteceu nem a Fera, nem a Theo.

— Fui encarregado de proteger a Hunt House e seus ocupantes — respondeu ele simplesmente. — Não posso fazê-lo se não inspecionar os aposentos e me familiarizar com a planta da casa.

Ela estava séria, com a expressão desconfiada.

— De onde o senhor é?

Ele mantinha a expressão cuidadosamente indecifrável.

— Londres.

Ela ergueu o queixo.

— Antes de Londres. Seu sotaque não me é familiar.

Ninguém notava seu sotaque fazia anos. Ele achava que havia perdido todos os vestígios de sua língua materna. O fato de aquela mulher ter detectado indícios de seu passado o fez hesitar.

— Londres — repetiu ele, sem se deixar abalar.

Ela inclinou a cabeça, avaliando-o de uma maneira desconcertante, que o fez sentir como se ela o visse intimamente, sondasse sua alma em busca de seus muitos segredos obscuros.

— Por que está mentindo?

Porque era necessário. Porque mentir sobre quem era já se tornara instintivo, como respirar. Mas ele não iria contar — não poderia contar — nada disso a ela.

Theo se curvou mais uma vez sem responder à pergunta dela.

— Não me atrevo a me demorar mais. Se me der licença, milady, devo continuar com minha tarefa. Tenha um bom dia.

— Você não me respondeu — ressaltou ela.

Ele já tinha dado meia-volta e estava recuando, segurando a língua. A verdade não serviria de nada a nenhum dos dois.

— Espere! — exclamou ela. — Não vá ainda.

E, por ser um tolo, ele parou, olhando para ela por cima do ombro. A luz do sol se refletia nos cabelos dela, conferindo-lhe um brilho etéreo. Ele nunca tinha visto uma mulher tão bela e tentadora como a marquesa de Deering, descalça às três e meia da tarde. Theo teve a desoladora sensação de que, de todos os perigos que enfrentaria na função de guarda-costas da Hunt House, nenhum se compararia ao calor enlouquecedor que corria por

dentro dele neste momento, ao perigo inegável de desejar uma mulher que lhe era proibida.

Ele cerrou a mandíbula, tentando controlar um desejo que não tinha o direito de alimentar.

— Pois não, milady. Tenho meu dever a cumprir.

Ele já havia tido muito mais deveres. Vastos deveres para com seu reino, sua família, seu povo. O suficiente para uma eternidade. Mas se livrara de todos quando fora banido do solo boritano. Apesar da crueldade daquela despedida e de tudo que acontecera antes dela, ele se via pensando nisso agora, diante de uma linda estranha. Pelo fogo do inferno, o que havia naquela mulher que o despojava tanto de suas defesas, que fazia sua mente viajar de volta àqueles anos perdidos? Seria nada mais que o dourado em seus cabelos, lembrando-lhe dos campos ondulantes de trigo que conhecera?

— Que tipo de nome é Fera? — perguntou ela, inclinando a cabeça, com a curiosidade cintilando nos olhos brilhantes.

Lady Deering era ousada. Ele gostava disso. Algo nela lhe parecia familiar e o atraía. Não era só luxúria, e sim uma necessidade muito mais forte. Mais profunda. Dessas que um homem sente até a medula. Havia uma palavra para essa conexão em sua língua materna; ele não conhecia uma equivalente no idioma comum. Talvez não existisse. Mas isso pouco importava.

— É o nome de um homem que não tem muito a perder — retrucou ele com sinceridade.

Tudo de valor que ele já possuía lhe havia sido tirado. O dinheiro que tinha agora era ganho, não herdado.

Ela franziu a testa, com uma expressão mais suave e certa sombra de tristeza nos olhos que lembravam o mar iluminado pelo luar.

— Sei o que é perder tudo...

O que aquela adorável deusa abrigada nessa mansão em Mayfair havia perdido?

Theo notou que queria saber. Ficou estranhamente comovido ante a declaração dela, ante a melancolia que exalava. Por um lado, ele queria ficar; arriscar-se.

Tocar.

Mas, em vez disso, ele apenas se curvou.

— Sinto muito, milady.

E então ele se despediu, e prosseguiu da maneira como sabia que deveria continuar, sem pertencer a lugar nenhum nem a ninguém.



Com o coração disparado, Pamela ficou observando aquele homem misterioso chamado Fera desaparecer no corredor, tão silenciosamente quanto havia chegado. Ele a pegara de robe, com os pés despojados de calçados e meias. Era um hábito antigo evitar os trajes de gala mais restritivos, a menos que fosse sair de casa. Um hábito que deveria ter abandonado. Ela se sentia envergonhada por ter sido pega daquele jeito, tão desprovida do polimento habitual. Mas não só por isso. Pamela segurava seu caderno de desenho com tanta força que seus dedos doíam. Ficara muito abalada com a intrusão inesperada. Abalada pela violenta agitação da noite anterior.

Mas também ficara abalada pelo próprio intruso.

Quem era ele?

Era realmente um guarda, como afirmava?

E se fosse outro invasor? Nas primeiras horas da manhã, um homem entrara na Hunt House com a intenção de roubar, enquanto a família dormia. Mas encontrara um fim sombrio na escadaria de pedra, ao se desequilibrar quando o duque de Ridgely o perseguia. O homem quebrara o pescoço.

Um arrepio percorreu a espinha de Pamela, o pavor se espalhou por seu ventre. Se aquele Fera fosse um canalha que queria se aproveitar da inegável riqueza que Ridgely possuía, certamente ele não teria conduzido uma conversa educada com ela pouco antes. Com toda a certeza, não teria aparecido à luz do dia, ousado como qualquer outro homem que tivesse a permissão para estar dentro das imensas muralhas da Hunt House.

Ela franziu o cenho. A menos que ele estivesse se passando por guarda para se familiarizar mais com a casa e evitar o infeliz destino do último ladrão. Nesse caso, conviria a ele querer tranquilizá-la com uma falsa sensação de conforto. Se ela houvesse gritado, a casa inteira teria ido até eles.

Uma apreensão a dominou, junto com outra coisa de que ela não gostou. Algo que ela odiava, na verdade: a consciência daquele estranho, daquele Fera, como homem. Pamela começou a apagar os candelabros depressa e saiu apressada do salão.

Enquanto voltava correndo para seu quarto para vestir meias e calçar sapatos, mais perguntas surgiram. Ridgely não a teria informado sobre a contratação de um guarda? Nos últimos quatro anos, desde que a morte do marido a deixara, mais uma vez, à mercê da caridade da família, Pamela supervisionava a Hunt House. Primeiro por seu pai, e em seguida, após a morte deste e de

seus dois irmãos mais velhos, Bartholomew e Matthew, por seu irmão Trevor, agora duque de Ridgely. A mãe preferia a residência rural em Ridgely Hall, longe daquela monstruosidade pomposa de Londres onde o marido muitas vezes instalara suas amantes. Sem dúvida alguém — a governanta, sra. Bell, ou o mordomo, Ames, ou o próprio Ridgely — poderia ter mencionado a presença de um homem chamado Fera.

Quando Pamela terminou de se vestir e saiu do quarto, estava determinada a encontrar Ridgely para confirmar suas suspeitas. Tinha certeza de que teria sido informada disso. Ela e o irmão eram próximos; conversavam todos os dias. Ridgely era... irritante, mas não guardava segredos. Não como este: um homem estranho rondando pela casa.

Não; aquele intruso indecentemente bonito, com olhos magníficos e ar autoritário, estava mentindo. Houvera alguns momentos de tensão entre eles, durante os quais ela se vira sob o domínio dele; impressionada com suas feições, muito diferentes das dos cavalheiros que conhecia. E com os mistérios da voz rouca e o leve sotaque.

Agora, no entanto, havia se libertado do feitiço. Não era tola e não permitiria que aquele suposto Fera a tratasse como tal. Chegou ao escritório do irmão e bateu à porta. Não houve resposta, e uma espiada no interior revelou que estava vazio e envolto nas sombras do fim da tarde. Pamela estava passando pela biblioteca quando gritos suspeitos provenientes de seu interior chamaram sua atenção e a deixaram ainda mais preocupada. Eram gritos femininos. Gritos assustadoramente parecidos com os da pupila de Ridgely, Lady Virtue Walcot.

Se aquele infame Fera estivesse lá dentro fazendo mal a Lady Virtue, Pamela nunca se perdoaria por demorar tanto para colocar meias e sapatos. Apressada, ela abriu a porta, e descobriu que o homem deitado em cima de uma forma feminina familiar, no divã clássico da biblioteca, não era Fera.

Era o próprio irmão.

E ele estava... ah, meu deus. Ela ofegou. Não havia razão para Ridgely estar tão intimamente próximo de sua pupila, exceto uma. O choque e a indignação predominaram. Pamela cruzou a soleira, sentindo-se como uma mãe galinha que acabara de pegar uma raposa tentando devorar um de seus pintinhos inocentes.

— Ridgely, o que foi que você fez? — perguntou.

Ela teve a presença de espírito de fechar discretamente a porta da biblioteca para afastar ouvidos curiosos e olhares errantes dos criados. Lady Virtue estava tentando arranjar um marido, e qualquer ameaça de escândalo seria

desastrosa para ela. Ridgely sabia disso e ainda assim ousara se comportar de maneira tão flagrante. Ah, ela queria estapeá-lo por isso!

— Por deus, Pamela — murmurou o irmão. — O que está fazendo aqui?

— Procurando você — retrucou ela, furiosa com ele por aquela escandalosa demonstração de luxúria. — Mas não o encontrei rápido o suficiente, a julgar pelas aparências.

Ridgely estava todo amarrotado, devasso, com as maçãs do rosto tingidas de vermelho. Lady Virtue estava corada, com o vestido levantado até a cintura, e Pamela desviou os olhos rápido antes de ver algo que não queria ver.

— Inferno — disse o irmão, o que, sem dúvida, não era uma explicação nem uma defesa.

Ora, como poderia justificar estar sobre sua protegida inocente, cujas saias estavam levantadas, com o rosto enterrado em seu corpete?

— Sua linguagem é tão deplorável quanto sua capacidade de se controlar, Ridgely — acusou Pamela, com a esperança de ter interrompido aquilo antes que todos os limites tivessem sido ultrapassados.

Se Ridgely houvesse ido longe demais com Virtue, ele mesmo teria que se casar com ela. E Pamela sabia que o irmão libertino não tinha intenção de se casar com ninguém, muito menos com sua pupila.

Ainda cobrindo o rosto com a lateral da mão e desviando o olhar, Pamela acrescentou:

— Virtue, recomponha-se, por favor, e depois a levarei a seu quarto. Ridgely e eu precisamos conversar.

— Precisamos? — perguntou Ridgely, irônico.

Em se tratando dele, Pamela não tinha compaixão. Estava preocupada com aquele homem chamado Fera vagando pelos corredores, mas naquele momento, tinha problemas muito maiores do que a presença de outro possível invasor. E não estava com humor para achar graça naquilo.

— Sim — disse ela, resoluta. — Precisamos.

O farfalhar de tecidos a fez entender que Virtue havia se levantado do divã clássico e por fim se aproximava. Pamela fitou a garota com um olhar penetrante de desaprovação.

— Venha comigo, milady.

E lançando um olhar furioso para o irmão, acrescentou:

— Voltarei para conversar com você.

Em um silêncio tenso, ela conduziu Lady Virtue biblioteca afora. Não falaram até chegar à santidade do quarto da jovem, onde ninguém poderia

ouvi-las. Pamela simplesmente não podia permitir que os ventos do escândalo soprassem na direção de sua protegida. Se qualquer indício da conduta de Ridgely chegasse aos ouvidos de outras pessoas, ela estremecia só de pensar nas consequências para todos eles.

— Quer me explicar o que aconteceu na biblioteca? — perguntou em voz baixa, sabendo que não deveria permitir que a fúria em relação ao inconstante Ridgely maculasse sua voz.

— Eu...

Virtue mordeu o lábio; seu adorável semblante era uma combinação de incerteza e constrangimento.

Seu coque de cabelos escuros parecia ter sido solto por mãos experientes. Graças a deus não haviam passado por ninguém nos corredores, pois Virtue estava em total desalinho. Qualquer um que a visse saberia o que havia acontecido quando ficara sozinha com Ridgely na biblioteca.

— Não precisa dizer nada — acrescentou Pamela, com um suspiro pesado. — Estou vendo muito bem o que aconteceu. Ridgely é um libertino, minha cara. Você nunca deve ficar sozinha com ele. Se o fizer, as consequências poderão ser muito maiores do que pode imaginar.

Ah, sim! Quando estivesse sozinha com seu irmão, Pamela definitivamente lhe estapearia.

Lady Virtue apertou os lábios.

— Não vai acontecer de novo, Lady Deering. Eu prometo.

— Não a culpo pelo que aconteceu — Pamela sentiu necessidade de explicar, pois realmente se preocupava com ela.

Lady Virtue tinha vinte anos e fora abandonada pelo pai, que morreria e a deixara aos cuidados de Ridgely. E seu irmão, sem sombra de dúvida, não queria assumir a responsabilidade.

— Ridgely deveria ter se controlado. Vou falar com ele agora.

Pamela estava tão furiosa com o irmão, que não sabia se conseguiria ter uma conversa calma e educada com ele. Era muito provável que não.



## CAPÍTULO 2

*Ela encontrou o* irmão no escritório, parecendo completamente tomado pela culpa e com um copo vazio de conhaque na mão, como se o álcool pudesse servir de penitência para o que havia feito.

Ele lhe ofereceu uma reverência exagerada.

— Pamela.

Ela não retribuiu; cruzou os braços, encarando-o intensamente enquanto o observava encher o copo.

— Vai me contar o que aconteceu, ou terei que adivinhar?

Ridgely ergueu o copo para ela em um brinde debochado.

— Preciso dar detalhes?

Decididamente, Pamela não gostou da tentativa dele de fazer graça.

— Ridgely.

O irmão tomou um gole de conhaque e depois suspirou, subitamente cansado, mais do que seus 31 anos de idade justificariam.

— Depois que os guardas assumiram os postos, fui até a biblioteca e adormeci.

*Guardas.*

No mesmo instante, essa palavra fez surgir na mente dela um par de olhos castanhos atraentes, uma boca pecaminosamente esculpida e uma voz profunda, com um leve sotaque que ela não pôde deixar de considerar intrigante. Mas não; ela tinha um assunto mais importante para discutir antes de perguntar ao irmão sobre *ele*, o Fera.

— Isso não explica como foi parar em cima de Lady Virtue no divã — apontou ela, esforçando-se para falar em voz baixa.

Ela esperava que o irmão esclarecesse por que havia tomado tais liberdades com sua pupila. Por que havia sido tolo a ponto de fazê-lo, ainda mais em

um divã clássico, à tarde, onde qualquer um poderia tê-los encontrado? Mas Ridgely parecia perdido em pensamentos, tomando seu conhaque com ar contemplativo. Se pensasse de forma objetiva, podia ver por que uma jovem tão ingênua como Lady Virtue se sentiria tentada por um homem com a experiência do irmão. Todas as mulheres de Londres desmaiavam por causa de sua aparência, seus cabelos escuros, e provavelmente ele havia levado metade delas para sua cama.

O que só servia para tornar sua conduta ainda mais grave.

— Não tem nada a dizer? — perguntou ela, frustrada e furiosa além da conta.

— Esqueci completamente a sua pergunta.

Mais alguns passos e ele estaria perto o suficiente para ser estapeado.

— Minha pergunta — repetiu ela, ríspida — foi o que aconteceu entre você e Lady Virtue na biblioteca.

— Ela ainda é virgem, se é isso que quer saber — afirmou ele com ar indolente, como se não se importasse.

E talvez não se importasse mesmo. Ele era um homem, afinal.

Ela sentiu seu rosto esquentar, a raiva tomar conta de seu ser.

— *Não* foi o que eu perguntei, embora esteja satisfeita por ouvir isso. Deus do céu, Ridgely, isso foi demais até mesmo para você.

— Bem, permita-me livrá-la de qualquer preocupação quanto a isso — disse ele, com um gesto de desdém e um sorriso autodepreciativo.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo? — perguntou Pamela entre dentes. — Vem abusando da moça durante toda a estadia dela na Hunt House, bem debaixo de meu nariz?

— Tais assuntos são delicados e exigem privacidade — respondeu ele. — Eu jamais sonharia em abusar de minha tutelada debaixo de seu nariz, Pamela. Que tipo de canalha acha que sou?

— Pare de deboche! — gritou ela e a voz ecoou pelo aposento cavernoso. — Como ousa escarnecer disso, Ridgely? Acaso é tão insensível e frio, não tem consciência? Não se sente mal pelo que fez a Lady Virtue?

— Não estou escarnecendo, irmã querida — disse ele, mudando de tom. — Estou perfeitamente calmo. Você, por outro lado, está fazendo um espetáculo.

Como ele ousava acusá-la dessa maneira depois do que acabara de fazer? Quanta arrogância! Ela queria arremessar alguma coisa, qualquer coisa, na cabeça dele!

Pamela avançou, pronta para travar uma guerra.

— Quanto tempo, maldição? Quantas vezes você se aproveitou dela? Eu a adverti contra os perigos que os pretendentes poderiam fazer à reputação dela, mas nunca imaginei que o maior perigo estaria aqui, em sua própria casa.

— Foi um erro — disse ele com frieza. — E não vai acontecer de novo. Isso é tudo que você precisa saber.

— Eu sou a dama de companhia dela. Pense no dano que causaria não só a Lady Virtue, mas a mim, se isso acabasse se tornando alvo de fofocas e se comentassem por aí que o próprio tutor a desencaminhara, debaixo de meu nariz!

Pamela jogou as mãos para cima em desespero e depois olhou em volta, procurando um objeto. Qualquer objeto. O tinteiro na escrivaninha dele serviria, decidiu, antes de pegá-lo e lançá-lo na lareira. Ele se espatifou, espalhando tinta pelos tijolos. A violência da ação amenizou um pouco sua frustração, mas logo a fez se lembrar da última vez em que perdera a paciência e do que lhe custara; e a tristeza, que estava sempre à espreita, invadiu sua mente com renovada sede de vingança.

— Fico feliz por você ter uma excelente pontaria — declarou o irmão. — Eu odiaria ver toda aquela tinta no papel de parede.

Não, ela não pensaria no passado. Não naquele momento, tendo que enfrentar os problemas de Ridgely. Era muito melhor se preocupar com os problemas dele do que com os próprios.

Ela ergueu um dedo repreensivo e o apontou para o irmão como se ele fosse uma criança petulante; porque naquele momento, era o que parecia.

— Se você a tocar de novo, vou mirar em sua cabeça da próxima vez. Leve sua devassidão para qualquer outro lugar de Londres. Vá para sua sórdida casinha de má reputação. Arrume uma amante, se já não tiver uma, mas deixe Lady Virtue *em paz*.

Ridgely concordou, surpreendendo-a.

— Pretendo fazer exatamente isso. Como eu disse, o que aconteceu foi um lapso lamentável. Não vai voltar a acontecer.

— Se acontecer, não terá escolha a não ser se casar com ela — alertou Pamela. — Não haverá outra maneira de protegê-la dos danos.

A expressão de Ridgely era de horror diante de tal perspectiva.

— Esteja certa de que não tenho nenhuma intenção de me casar com Lady Virtue nem com qualquer outra — disse ele baixinho. — Prometo manter distância dela. Você, entretanto, vai incentivá-la a se casar, e depressa. — Ele

fez uma pausa, pensando melhor nessa ordem em particular. — Mas *não* com Mowbray.

— Qual é a objeção ao visconde? — perguntou Pamela, indignada.

O visconde havia começado a prestar atenção em Lady Virtue fazia pouco tempo, e a jovem parecera acolher com satisfação o interesse do rapaz.

— Não gosto dele — respondeu Ridgely em tom de desdém. — Ele não é bom o suficiente para ela.

Pela primeira vez, ocorreu a Pamela que o irmão ficava diferente quando falava do pretendente de Virtue. Ficava quase... na defensiva. Como se não gostasse de vê-la ser cortejada por outro. O que não fazia sentido, pois ele era um libertino que não tinha a mínima intenção de se casar.

A menos que...

— Hmm. — Pamela estreitou os olhos, analisando-o. — Eles pareciam encantados um com outro ontem à noite no baile de Montrose, quando dançaram juntos.

— Eu disse que não — replicou ele, seco. — Agora, há mais alguma coisa pela qual deseja me repreender, ou já terminamos?

Com o fogo de sua ira atenuado pela violência que infligira ao tinteiro e à lareira do irmão, o motivo original para procurar Ridgely voltou à cabeça de Pamela. *Fera*.

Eram os olhos dele. Ela dizia a si mesma que era essa a razão de o ter considerado tão extraordinariamente atraente. Eram cor de avelã — não exatamente marrons, nem verdes, nem azuis. Tinham uma tonalidade própria, única e misteriosamente complexa. Lindos, assim como o resto dele. Ela não deveria ter notado a beleza dele. Isso ainda a incomodava.

— Vai me dizer por que de repente há rufiões perambulando pela Hunt House? — perguntou secamente, esforçando-se ao máximo para esconder o imprudente efeito que o estranho lhe provocara. — Há um homem chamado *Fera* vagando por aí como se fosse um convidado de honra. É tudo muito escandaloso, até mesmo para você.

— São homens de confiança para garantir a segurança da casa — explicou Ridgely, franzindo a testa. — Não precisa se preocupar com eles.

Não era um intruso, então. Teria sido muito mais fácil para Pamela se fosse. Mas não, ele estava ali, sob o mesmo teto que ela. *Fera* era um guarda, tal como havia afirmado. Não havia mentido.

Ela tentou forçar sua mente a descobrir o motivo da presença de guardas, e a preocupação fez seu estômago se revirar, formando um nó.

— É por causa do homem morto, então? Pensei que fosse um ladrão comum.

O irmão suspirou, e ela notou novamente o cansaço naquele som.

— Existe a possibilidade de que não fosse — afirmou simplesmente. —

Os guardas permanecerão até que eu considere não serem mais necessários, para a segurança de todos dentro da Hunt House.

Por deus!

Ela sentiu toda a raiva se dissipar.

— Não gosto disso, Ridgely. O que está escondendo?

O irmão sorriu, mas não pareceu a ela um sorriso verdadeiro. Ela o conhecia bem demais para acreditar.

— Nada, minha cara. Estou apenas sendo cauteloso em demasia. Agora acabou?

Ele a estava dispensando.

— Espero que sejam acomodados para dormir nos estábulos — acrescentou ela, pensando mais uma vez em Fera vagando pelos corredores, passando pela porta de seu quarto... deitando a cabeça sobre um travesseiro em algum dos quartos de hóspedes.

Ridgely soltou outro suspiro.

— Agradeço a preocupação, irmã. Vou levar isso em consideração.

Pamela supôs que já o havia pressionado o suficiente, por ora.

Relutante, ela fez uma reverência.

— Obrigada. Mas esteja avisado, irmão. O que disse quanto a Lady Virtue não foi mera brincadeira. Se você a comprometer ainda mais, terá que se casar com ela.

Ela se despediu, incapaz de banir da mente os pensamentos sobre o homem que a havia flagrado no salão. Tinha esperanças de que aquela situação terrível acabasse depressa, e então, Fera não passaria de uma lembrança muito em breve esquecida.



Como de costume, Pamela não conseguia dormir.

Só que, dessa vez, enquanto estava deitada na cama, olhando para as sombras escuras que brincavam no gesso acima, não era a solidão que a atormentava ou os sonhos e arrependimentos que assombravam seu sono. Não era tristeza nem lembranças agriçocas.

Não; para sua vergonha, eram pensamentos sobre o guarda que o irmão havia contratado.

— Fera — pronunciou o nome em voz alta, ainda pensando que era uma denominação improvável para um homem.

Certamente não era o nome de batismo dele.

Quem era ele? Onde Ridgely o encontrara? E por que invadia sua mente, habitando-a como se ali fosse seu lugar, deixando sua marca indelével nela, convincente como um toque? O que havia nele que lhe provocava um desejo tão inexplicável?

Ele era bonito, sim. Cabelos escuros e olhos misteriosos. Era alto e magro, mas exalava uma aura de força e poder. Rondava por ali como sua alcunha, um animal predador.

E ela não pôde evitar que seus pensamentos divagassem, imaginando como seria ser possuída por um homem assim. Por um homem tão complexo e afiado — frieza e violência envoltas nos ornamentos de um cavalheiro.

Por *ele*.

Seu corpo reagiu; uma dor inquietante floresceu entre suas coxas enquanto se deitava ali, sozinha, apertando a colcha nas mãos, desesperada para acalmar-se até adormecer. Era muito errado. E, embora estivesse sozinha, pressionada pela escuridão, que ameaçava sufocá-la, sem ninguém mais ciente de seus desejos desenfreados, ela sentiu as faces corarem.

O que havia de errado com ela?

Como poderia macular a memória de Bertie e do amor que haviam compartilhado sentindo um desejo tão vil por outra pessoa? E pior, por alguém a quem nem havia sido devidamente apresentada. Um homem de origem e família questionáveis, que se autodenominava Fera e a fitara com tanta ousadia que ela sentira, por um breve momento, que não usava um vestido ao perceber aquele olhar cor de avelã passear pelo seu corpo.

Soltando um suspiro, ela rolou de bruços, tentando encontrar uma posição confortável. Talvez devesse ter tomado um *posset*<sup>1</sup>, como sua criada gentilmente sugerira ao notar seu estado de desconforto. Mas ela não aceitara, pois se forçava a confiar cada vez menos nessas medidas, temendo passar a depender demais delas. Não, devia ficar ali, sofrendo, pensando em...

Ouviu um ruído no corredor, que interrompeu suas reflexões turbulentas. Ela levantou a cabeça para prestar atenção, prendendo a respiração. Talvez fosse imaginação sua.

*Cric.*

---

1 Uma popular bebida quente britânica feita de leite coalhado com vinho ou cerveja, muitas vezes temperada, que costumava ser usada como remédio.

Não, ali estava de novo, só que, dessa vez, mais alto. Era o tipo de som que passos abafados poderiam produzir.

Seu coração bateu forte quando ela pensou na admissão de Ridgely, no escritório, de uma possibilidade de que o homem morto nas escadas não fosse um ladrão, afinal. Mas o que ele não dissera era muito mais revelador do que aquilo que admitira. Embora o irmão houvesse alegado que não estava escondendo nada, ela apostaria a escassa herança de viúva que ele estava, sim. O que significava que o homem morto nas escadas tinha a intenção de fazer mal a Ridgely. E a presença dos guardas era toda a prova de que ela precisava.

*Cric.*

Lá estava de novo. Pamela não estava enganada e temia muito que outro ser infame estivesse diante de sua porta, rastejando pela Hunt House na calada da noite, conspirando para causar mais mal. Se realmente havia um intruso no corredor, ela precisava fazer alguma coisa.

Sua mente girava em desespero, procurando uma solução.

Havia a possibilidade de que fosse um dos guardas que o irmão havia contratado, mas também era muito provável que algo mais nefasto estivesse acontecendo diante de sua porta. Ela poderia gritar e atrair todos os criados, mas isso poderia provocar a fuga do homem. Poderia correr para o quarto de Ridgely, mas isso representava um risco inerente. Se a pessoa que estivesse no corredor suspeitasse que Pamela informaria ao irmão que estavam sendo roubados, poderia fazer mal a ela.

O método mais conveniente seria despachar ela mesma o malfeitor.

Engolindo em seco para conter uma súbita onda de medo, Pamela desceu da cama e, com os pés descalços, foi até a lareira, onde uma brasa abafada ainda fornecia calor. O atizador de fogo chamou sua atenção. Aquela fina ferramenta de aço teria que servir como arma, pois parecia capaz de ferir.

Umedecendo os lábios secos, ela pegou o atizador. Apertou os dedos sobre o metal frio e retorcido. Poderia acertar a cabeça do vilão com aquilo, se necessário.

Pamela passou por um momento de arrependimento, sentiu uma pontada visceral diante do pensamento de machucar alguém. Mas, então, disse a si mesma que a pessoa em questão era possivelmente um assaltante que pretendia roubar Ridgely e causar só deus sabia que outro tipo de mal. Reunindo coragem, ela abriu devagar a porta, prendendo a respiração enquanto as sombras escuras do corredor se revelavam.

Ela parou um momento, esperando ouvir o som, algo que a alertasse da presença de outra pessoa. A casa estava estranhamente silenciosa. Nenhum

sinal da origem do rangido das tábuas do piso. Nem um passo. Ela teve que voltar a respirar e prosseguir em direção à escuridão abissal. Havia imaginado o som, então? Estava enganada?

Hesitante, ela se aventurou a seguir pelo corredor, segurando o atizador de fogo com força. Não havia nada além do silêncio, exceto pelo sussurro da própria respiração ofegante enquanto caminhava. Mas, de repente, ouviu. O som suave de passos no carpete avisando-a de que não estava sozinha. Alguém se aproximava dela nas sombras. Deslizava em direção a ela com pressa. Ela ergueu o atizador, preparando-se para atacar, mas antes que pudesse desferir um golpe, dedos quentes agarraram seu pulso com uma força quase punitiva, impedindo o movimento. Outra mão apertou sua cintura, e então, ela foi movida como se pesasse o mesmo que uma pena.

Foi forçada a cruzar de volta a soleira do quarto, o corpo girando em movimentos tão rápidos e habilidosos que ela se sentiu em uma pista de dança. Mas aquilo não era um salão de baile, e o homem em cujas garras se encontrava não era um pretendente adulator. Ele a segurava com habilidade, impulsionando-a para onde queria situá-la. A porta do quarto se fechou, com um leve estalido, confinando os dois ali, juntos. Aconteceu tão rápido que ela nem teve chance de gritar. Outro giro vertiginoso e suas costas estavam subitamente contra a parede, e Pamela presa por um corpo másculo que a pressionava com firmeza do quadril ao peito, impedindo-a de se mexer. Imobilizando-a.

Prendendo-a.

Um hálito quente se espalhou sobre seus lábios quando o captor falou:

— Péssima escolha de arma, milady.

Pamela reconheceu aquela voz grave e com um leve sotaque.

Era ele. *Fera*. Ele a pegara e a forçara a entrar em seu quarto. E a estava mantendo imóvel. Estavam sozinhos; só os dois, mais ninguém, na noite. Seu corpo e o dela estavam escandalosamente alinhados; e ela podia senti-lo. *Inteiro*. Por um lado, ela gostou, mas, por outro, sabia que não deveria. Não ousava confiar nele. Que tipo de homem, que tipo de guarda a trataria daquela maneira?

Um grito subiu por sua garganta, mas não teve chance de emergir, porque uma boca pousou sobre a de Pamela, abafando-o. E deixando-a em choque. Os lábios dele estavam colados aos dela. E eram quentes e firmes, pressionando com a intenção de silenciá-la, pensou ela. E havia algo errado com ela; muito errado; porque estava saboreando aqueles lábios. Estava *gostando* de senti-los nos seus.

Pamela se esqueceu de lutar. Na escuridão, estava toda cercada por ele. Pelo perfume cítrico e do sabonete misturando-se ao odor de couro. A força; a altura. Ele pairava sobre ela, mantinha-a onde queria enquanto suavizava o beijo, roçando os lábios nos dela com desejo, não com força brutal. Arrancando-lhe um gemido.

Mas não de medo.

Era de desejo, que surgia de uma parte de si mesma que ela havia banido anos atrás. Como? Por aquele estranho, aquele homem que ousava empurrá-la contra a parede e colar os lábios nos dela?

Ele afastou o rosto, interrompendo o beijo.

— Não grite.

Aquele intruso na casa dela falou com autoridade. Aquele homem que não pertencia àquele lugar; era perigoso para o bem-estar de Pamela. Não só para seu bem-estar...

Ela não deveria obedecer. Ele era um canalha, não importava se Ridgely o havia contratado, se era guarda. Ele a pegara de surpresa e a beijara, e pretendia fazer sabe-se lá deus o que com ela. Os lábios formigavam e o corpo vibrava pelas lembranças que fizera o máximo para esquecer em sua viuvez.

— Solte-me — exigiu ela, voltando a si.

Ele riu baixinho, de uma maneira agradável até, apesar das circunstâncias.

— Não enquanto eu não tiver a certeza de que não fará algo de que nós dois nos arrependemos.

Por acaso ele a estava ameaçando?

Ocorreu-lhe, então, um lugar onde os homens eram muito vulneráveis. Ela levantou o joelho com a intenção de acertá-lo entre as pernas, mas ele foi mais rápido, antecipando os movimentos de Pamela e neutralizando o esforço, colocando o próprio joelho entre os dela.

Através do linho fino de sua camisola, ela sentia cada centímetro daquela coxa musculosa pressionando-a intimamente. Que deus a ajudasse, mas uma pontada de puro prazer a percorreu inteira.

— Isso, por exemplo — murmurou ele, e esfregou a face na dela.

Ela sentiu a leve abrasão de uma barba bem aparada sobre a pele. Os lábios dele estavam em sua orelha, roçando-a enquanto falava.

— Não foi sensato tentar me emascular, Lady Deering.

As palavras de advertência deveriam ter incitado mais medo dentro dela, mas tudo que ela sentiu foi a boca de Fera em sua orelha, a respiração dele roçando como seda na sua carne subitamente sensível. Tudo que ela sentia

era um anseio profundo em seu âmago. Mas aquilo era errado, muito errado. Sua mente girava, cheia de perguntas, enquanto o corpo lutava contra todas as sensações que a incendiavam.

— O que pensa que está fazendo, senhor, tomando tais liberdades? — perguntou ela, debatendo-se para se libertar do domínio dele.

Mas foi em vão, pois Fera era incrivelmente forte. Os dedos no pulso dela continuavam firmes, mantendo o braço preso à parede ao seu lado. E quando ela usou a palma da mão livre para empurrar o ombro dele, tentando afastá-lo, ele agarrou esse pulso também. Tudo o que conseguiu com isso foi erguer a bainha de sua camisola. O ar fresco beijou seus pés descalços, suas panturrilhas, até seus joelhos.

— O que acha que estou fazendo? — questionou ele com voz profunda e hipnotizante, uma provocação na escuridão.

Oh, para ela, não importava o que ele estivesse fazendo, só queria se libertar.

Pamela se debateu outra vez, mas ele manteve a coxa entre as pernas dela. Seu calor a queimava por cima das poucas camadas de roupa. Ela ofegou, os mamilos se retesaram. Aquela parte há muito adormecida explodiu, ganhou vida, vibrante.

Como era possível? Como podia sentir um desejo tão intenso por um estranho, por um homem que a capturara e depois tomara seus lábios como se pertencessem a ele? A vergonha a fazia queimar, misturando calor e perigo com um desejo vexatório. Ela precisava acabar com aquilo.

— Se não me soltar, vou gritar de novo — avisou ela, sem fôlego, não apenas por todo o esforço, mas também por sua reação a ele. — Vou atrair a casa toda contra você. Mas se me libertar, prometo que não direi uma palavra a meu irmão sobre suas transgressões.

Ou as dela.

— Como vou saber se posso confiar em você? — perguntou ele. — Como posso ter certeza de que você não tentará fazer alguma tolice de novo?

Os lábios lascivos dele, de repente, encontraram um ponto que ela não sabia ser tão sensível. Um lugar logo atrás de sua orelha. Ele a beijou ali, algo tão estranhamente íntimo que a fez derreter.

Outro som escapou de seus lábios antes que ela o pudesse impedir.

— O que... o que está fazendo? — conseguiu dizer, sem forças.

Fosse o que fosse, o lado mais iníquo dela não queria que ele parasse. Queria que aquilo nunca acabasse.

— Estou tentando acalmá-la. — Ele beijou-lhe o pescoço. — Mostrando que não precisa tentar me matar com esse atizador.

Ah, ele tinha uma técnica muito interessante de produzir um efeito calmante sobre uma mulher. O coração de Pamela praticamente galopava, exatamente o oposto do que ele afirmava ser sua intenção.

— Ou tentando me enganar.

Ela precisava manter o juízo, o que se tornava impossível a cada minuto que passava com aquele homem a tocando e pousando seus lábios nela.

Ela deveria gritar. Ele estava tentando seduzi-la para que soltasse a arma. Tentando impedi-la de pensar com sua boca experiente e aquele calor viril. Ela não podia permitir isso.

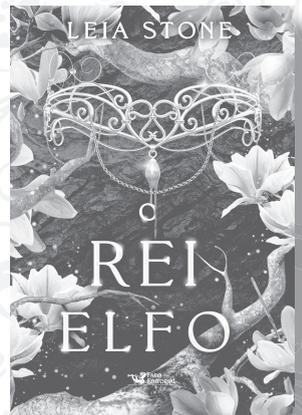
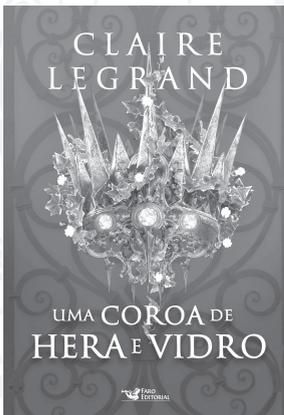
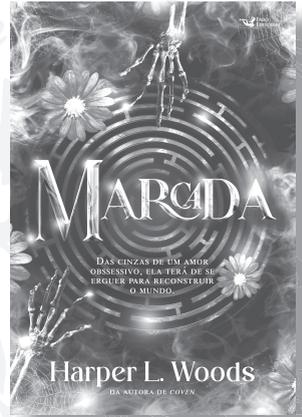
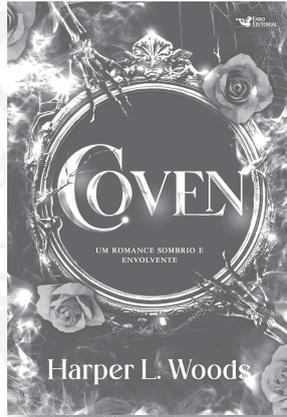
— Parece que estou tentando enganá-la, milady? — Ele esfregou a parte interna do pulso dela com o polegar, aliviando um pouco a dor do forte aperto. — Agora, fique quieta e dê-me o atizador, e eu a soltarei.

Ela não acreditava nele.

Pamela abriu a boca e começou a gritar.

Soltando um xingamento gutural, ele colou a boca de novo na dela.

# Leia também



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**

**CAMPANHA**



**FiqueSabendo**

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM OUTUBRO DE 2024**